



Frederico Roman Ramos, Arquiteto e Urbanista

Doutor pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP)

1º colocado no Concurso Público nº 256-7/2017 da Unifesp.

TEMA: Mapeamento e informação em cidades.

Resultado homologado em sessão do Conselho Universitário no dia 8/11/2017.

Pode se apresentar brevemente, contando sua trajetória acadêmica e profissional?

Sou paulistano, arquiteto e urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura de Urbanismo da USP. Após minha graduação, cursei pós-graduação em Projetos Urbanos pela Universidade Politécnica da Catalunha, em Barcelona. No retorno ao Brasil, ingressei no mestrado em sensoriamento remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE. Fui levado ao INPE atraído pelas imagens de satélites de cidades, que me seduziam. No INPE, aprendi que essas imagens eram apenas um produto acabado de um processo analítico muito mais abrangente e poderoso que estruturam os conhecimentos necessários para estabelecer representações computacionais do espaço. A trajetória que percorri nestes anos iniciais da minha vida profissional abriu novas perspectivas de atuação em equipes multidisciplinares para além das já amplas possibilidades que a formação em arquitetura e urbanismo apresenta. Como pesquisador do Centro de Estudos das Desigualdades Socioterritoriais – CEDEST – atuei no desenvolvimento de metodologias de referência para produção de indicadores regionalizados de dinâmica social e qualidade ambiental do espaço intraurbano em várias cidades brasileiras. Em 2010, após ter atuado como pesquisador associado da *London School of Economics and Political Science* - LSE, ingressei no doutorado em

Administração Pública e Governo na Fundação Getúlio Vargas. Buscava no doutorado uma complementação da minha formação multidisciplinar e atuação com conhecimento aplicado. Atualmente, sou Professor do Departamento de Planejamento e Análise Econômica da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, onde leciono Microeconomia Intermediária para alunos de graduação e também atuo como pesquisador associado no Centro de Política e Economia do Setor Público. Em 2014, fui professor convidado no Programa de Mestrado Internacional em Tecnologias Espaciais no Instituto de Geoinformática em Munster, na Alemanha. Possuo ampla experiência profissional no desenvolvimento e aplicação de metodologias de análise territorializadas baseada em técnicas geocomputacionais incluindo métodos geoestatísticos, processamento digital de imagens de sensoriamento remoto e econometria espacial em projetos nacionais e internacionais.

Como você se interessou em ser professor no Campus Zona Leste da Unifesp e o que vê de potencial no Projeto Político Pedagógico do Instituto das Cidades?

A iniciativa da Universidade Federal de São Paulo de constituir um Instituto dedicado ao estudo e formação de profissionais no tema das Cidades está em consonância com iniciativas de vários renomados centros acadêmicos internacionais que reconhecem a importância central deste tema no contexto contemporâneo. O desafio colocado de se constituir um centro inovador de ensino e pesquisa aplicada efetivamente multidisciplinar foi o que mais me atraiu. Entendo que a pesquisa urbanística deve evoluir atenta às rápidas transformações tecnológicas que estamos diariamente testemunhando, porém, sem deixar de lado a predominância das questões sociais, econômicas e políticas, que são a razão mesma da existência de nossas cidades. Poder participar de um projeto como este, desde sua concepção, é uma oportunidade rara.

Em linhas gerais, qual a proposta de ensino, pesquisa e extensão que você apresentou no concurso? No que ela poderá colaborar com o Instituto e com a Zona Leste?

Minha proposta parte de duas premissas orientadoras. A primeira, e certamente mais relevante, é de que a formação do profissional que atuará em Cidades deve ser orientada à intervenção responsável e informada sobre a realidade em todas as especialidades contempladas no Instituto. Deve reger-se pelo compromisso da busca por cidades mais justas, eficientes, sustentáveis e democráticas. A segunda premissa é de que precisamos reconhecer a natureza multifacetada das cidades. Isso significa que é necessário propiciar ao aluno, ademais de um conjunto de referenciais derivados dos diversos campos disciplinares relevantes à análise urbanística, a capacidade de relacioná-los transversalmente. O desenvolvimento da habilidade para o adequado mapeamento e tratamento da informação em cidades é fundamental. Isso porque,

para qualquer análise que se faça sob qualquer perspectiva disciplinar, a informação é insumo imprescindível. Entretanto, sob uma perspectiva multidisciplinar, os significados atribuídos a um mesmo conjunto de dados serão diversos, porque lidos a partir de diferentes referenciais. É isso que faz com que a almejada interdisciplinaridade seja, de fato, muito difícil de ser alcançada. O projeto defende que o desenvolvimento de análises baseadas em tecnologias de mapeamento e tratamento de informação em estudos urbanos deve estar apoiada em conceitos urbanísticos, reconhecíveis dentro das especialidades, capazes de garantir a validade dos processos de modelagem e inferências computacionais. As potenciais dificuldades de aplicação destas tecnologias no campo do urbanismo advêm da constatação de que nenhuma metodologia predomina sozinha na análise urbana. Defende ainda que os referenciais não estejam baseados exclusivamente nas teorias de localização, mas também em uma ciência construída a partir do conceito central das interações entre as pessoas, na troca de ideias, bens, contatos sociais, em suma, em suas dimensões relacionais, são aspectos indissociáveis do conceito de cidade. Esta perspectiva está lastreada em possibilidades analíticas derivadas de modelos de sistemas complexos, hierárquicos e de redes, preocupados com a representação dos fluxos e das interações no espaço, e não apenas com o próprio espaço como categoria analítica fim. Esta nova agenda vem se organizando em torno das novas possibilidades de tratamento computacional da informação, abrindo um campo a ser necessariamente trilhado no ambiente de um centro de análise urbana.

Temos agora um enorme desafio de continuar a implantação desse Campus num contexto adverso à expansão da universidade pública. Como vê essa situação e como podemos fazer frente à ela?

Acredito que a escolha do tema gerador do instituto e a sua inserção dentro da estrutura urbana em uma metrópole como São Paulo dão poderosos argumentos para defender a relevância deste projeto. É preciso deixar claro para a sociedade o potencial transformador desta iniciativa no desenvolvimento de pesquisas aplicadas e formação de profissionais atualizados e capazes de ativamente atuar na transformação de nossas cidades. Conhecimento e informação são insumos essenciais para esta transformação e o Instituto das Cidades da Unifesp já nasce com este potencial.